

ÍNDICE

Prefácio	9
 <i>Capítulo I</i>	
O Chamamento da Maçonaria.....	13
 <i>Capítulo II</i>	
Abertura de uma Loja do Primeiro Grau.....	25
 <i>Capítulo III</i>	
Os Instrumentos de Trabalho do Primeiro Grau.....	37
 <i>Capítulo IV</i>	
A Investidura	49
 <i>Capítulo V</i>	
O Segundo Grau.....	55
 <i>Capítulo VI</i>	
Os Instrumentos de Trabalho do Segundo Grau.....	67
 <i>Capítulo VII</i>	
O Terceiro Grau.....	77
 <i>Capítulo VIII</i>	
Os Instrumentos de Trabalho do Terceiro Grau.....	87
 <i>Capítulo IX</i>	
A Virtude do Silêncio	95

PREFÁCIO

Esta obra de Arthur E. Powell fala-nos da *Magia da Franco-Maçonaria*. Se remontarmos este termo a tempos mais recentes diremos que é de origem francesa, derivado de duas palavras: *franc* = “livre” e *maçon* = “pedreiro”; associando ambos os significados temos a definição da Franco-Maçonaria como uma *Associação de Pedreiros Livres*. Porém, entenda-se que quando o autor nos fala sobre este assunto refere-se tão só e exclusivamente à antiga e primeva maçonaria e não à actual, tal e qual a conhecemos. E, neste contexto, a antiga Maçonaria ou Franco-Maçonaria estaria ligada à palavra *Construção*, analogicamente associada à acção dos maçons nas suas Lojas, ou seja, ao espaço onde se estruturam e reúnem como células autónomas, também chamadas de oficinas ou *ateliers*, e cujo lema inscreve a missiva: “*Todos iguais em direitos e honras e independentes entre si.*”

Aparte as acesas polémicas que envolvem este capítulo da história da humanidade sobre a real origem da franco-maçonaria, o facto é que não pretendemos desenvolvê-la neste tão pequeno espaço, mas tão só referenciar alguns pontos, evidentemente em termos gerais, merecedores da nossa observação e reflexão. Fazendo uma breve alusão a este tema podemos dizer que as origens primitivas da Maçonaria se perdem na memória dos tempos. É possível encontrá-las no Antigo





CAPÍTULO I

O CHAMAMENTO DA MAÇONARIA

Todo aquele que sente os ideais da franco-maçonaria deve ter-se perguntado, alguma vez, porque é que esta Ordem o atrai, e o que nela o retém. Na realidade, são muitos os que fazem esta pergunta continuamente e formulam respostas pouco satisfatórias, porque há sempre um elemento que nos escapa: algo intocável e indefinido que não podemos localizar, definir ou analisar, apesar de ser absolutamente real, de estar definido de um modo perfeito; algo que exerce uma inconfundível sedução, algo que, ao mesmo tempo em que acalma o homem interior, alimenta-o em grau extraordinário; algo misterioso, sedutor e estimulante que nos impele perpetuamente para a frente, como um finito impulso para um infinito objectivo. Mais notável, ainda, é que, muito tempo antes de sabermos o que é, na realidade, a franco-maçonaria, já nos damos conta disso. Se bem que a maioria dos candidatos à Maçonaria crêem que é uma venerável instituição que incute elevados ideais relativos à vida, não lhes é possível saber muito mais acerca desta associação. Pouco ou nada pode saber o profano acerca das suas cerimónias, embora saiba que estas existam.

Em todas as outras coisas procuramos informar-nos antes de dar um passo definido ou de nos lançarmos em alguma empresa. A mais elementar prudência aconselha-nos a averiguar em que consiste a instituição à qual desejamos aderir, ou o plano





CAPÍTULO II

ABERTURA DE UMA LOJA DO PRIMEIRO GRAU

Uma das características do ritual da maçonaria que mais surpreende os homens pensadores e de imaginação é que frases tão simples e claras, que até parecem familiares, despertam na alma, como por magia, ideias e a impulsionam a procurar o seu caminho titubeante entre palavras, como se estas mais não fossem do que portas que conduziam a outro mundo longínquo, espaçoso, cheio de maravilhas, mistério e realidade.

Dissipou-se mais engenho em inventar as interpretações das sentenças pronunciadas na cerimónia de abertura, do que em qualquer outra parte do ritual. Estas perguntas e respostas produzem em nós a sensação – sensação esta cuja familiaridade contribui para a tornar mais profunda – de que se preparam grandes coisas, de que se chama à existência forças poderosas que vão revelar segredos ocultos. Já a primeira frase – que consiste em sete palavras (coisa extraordinária) –, à semelhança de um toque de clarim, chama imediatamente a nossa atenção, pois revela o esquema introdutório dos fundamentos da franco-maçonaria: “*Irmãos, uni-vos a mim para abrir a Loja.*” Esta é a chamada do V. : M. :. [*Venerável Mestre*], o Chefe eleito e aceite, o representante do Altíssimo. Por meio desse chamamento afirma-se a Fraternidade, convida-se à cooperação, anuncia-se que se vai realizar o acto da Abertura de uma Loja, ou seja, desse corpo integral de que cada Ir. :. [*Irmão*] é uma parte.



analisa, de modo mais completo e aperfeiçoado, o carácter psicológico do ser humano. Podemos então fazer o seguinte quadro das nossas correspondências:

ELEMENTOS PSICOLÓGICOS DA ABERTURA DE UMA LOJA

OFICIAIS	OCIDENTAIS	ORIENTAIS
V. : M. : <i>[Venerável Mestre]</i>	Sabedoria	Buddhi
1º Vig. : <i>[1º Vigilante]</i>	Força ou Vontade	Átma
2º Vig. : <i>[2º Vigilante]</i>	Beleza ou Mente Criadora	Manas Superior
1º Diác. : <i>[1º Diácono (servente)]</i>	Razão ou Inteligência	Manas Inferior
2º Diác. : <i>[2º Diácono (servente)]</i>	Desejo ou Sensação	Kama
G. : do T. : <i>[Guarda do Templo (int.)] (Cérebro)</i>	Vitalidade Física	Pranayama Linga Sharira, Duplo Etérico
Cobr. : Ext. : <i>[Guarda ou Cobridor do Templo (externo)]</i>	Corpo Físico	Sthula Sharira
V. : M. : I. : <i>[Venerável Mestre Imediato (mais recente)]</i>	Sabedoria Madura, experiência de actos passados convertida em natureza	Karama Sharira ou Corpo Causal





CAPÍTULO VIII

OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO TERCEIRO GRAU

Os IIns.: de T.: do 3º Grau são apropriados a um plano de trabalho superior ao dos outros Graus. Os IIns.: do M.:M.: têm uma limitação muito menor do que os do Comp.: [Companheiro] e os do Ap.: [Aprendiz], pois, sendo essencialmente livres e flexíveis, dão ampla acção ao M.:M.: para que possa exercitar não só a sua iniciativa como também os seus poderes criadores e imaginativos.

A associação de cada um destes três IIns.: [Instrumentos] com a Ideia de um centro está caracterizada por essa ingenuidade inventiva, de que vemos tantos exemplos em todos os Rituais da Franco-Maçonaria.

De modo que a Corda *“é um instrumento que gira sobre um centro de alfinete”*; O Lápis tem um centro de grafite ou de outra substância e com a sua ponta fazem-se desenhos e planos; e no Compasso há duas pontas, uma das quais se fixa no centro para, com a outra, descrever uma circunferência.

A liberdade e a flexibilidade de movimentos destes três Ins.: caracterizam o papel do M.:M.: e contrastam marcadamente com a rigidez dos IIns.: correspondentes aos Graus inferiores, sobretudo com os do 2º Grau. De modo que o Ap.: deve cingir-se, estritamente, às medidas da sua r.:d.: v.:q.:p.: [régua de vinte e quatro polegadas] e deverá trabalhar

